



**WASHINGTON VILAS BOAS DE PAULA  
REBELO**

**NÃO FUJA DO ASSUNTO! GÊNERO E SEXUALIDADE: REFLEXÕES  
E MEMÓRIAS DE UM EDUCADOR**

**INCONFIDENTES-MG**

**2018**

**WASHINGTON VILAS BOAS DE PAULA  
REBELO**

**NÃO FUJA DO ASSUNTO! GÊNERO E SEXUALIDADE:  
REFLEXÕES E MEMÓRIAS DE UM EDUCADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para aprovação no curso de Especialização em Educação Infantil no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Inconfidentes, para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma: Paula Inácio Coelho

**INCONFIDENTES-MG**

**2018**

**WASHINGTON VILAS BOAS DE PAULA  
REBELO**

**NÃO FUJA DO ASSUNTO! GÊNERO E SEXUALIDADE:  
REFLEXÕES E MEMÓRIAS DE UM EDUCADOR**

**Data de aprovação: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2018**

---

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma: Paula Inácio Coelho  
IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes**

---

**Prof.<sup>a</sup> Ma: Cleonice Maria da Silva  
IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes**

---

**Prof. Me: Luis Carlos Negri  
IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes**

Dedico esse memorial a todos que me incentivaram nessa longa jornada, aos que tiveram paciência e confiaram em meu trabalho, a todos que direta e indiretamente contribuíram para o sucesso dessa empreitada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus e a toda minha família, minha esposa Laise e meu filho Lucca, que me ajudaram e me compreenderam nesse momento, a toda equipe de professores do curso de pós-graduação em educação Infantil, que foram maravilhosos e fundamentais para o sucesso dessa obra, agradeço a todos os meus colegas de sala que sempre estiveram dispostos a me ajudar, muito obrigado!

## **RESUMO**

O presente memorial tem por objetivo desenvolver uma pesquisa sobre gênero e sexualidade, apresentar conceitos gerais acerca desses temas que ainda encontram barreiras para serem discutidos por professores na sala de aula, visto que muitos não se sentem preparados para falar a respeito. A sexualidade tem um significado importante na vida adulta, dialogar e debater questões que envolvem a vida de cada jovem é uma necessidade. Busco ao longo deste memorial entender as questões de gênero e sexualidade, quebrar o tabu que impede o caminho para reduzir a violência. Conhecer a história e ter a capacidade de se colocar no lugar do outro. O método utilizado envolve aspectos qualitativos, por meio de pesquisa bibliográfica, desenvolvida principalmente com base em livros e artigos científicos relacionados ao tema. Relato a minha trajetória de vida, as memórias enquanto estudante, minhas experiências e desafios.

**Palavras-chave:** Educação, Gênero, Respeito.

## **ABSTRACT**

The present memorial aims to develop a research on gender and sexuality, to present general concepts about these themes that still find barriers to be discussed by teachers in the classroom, since many do not feel prepared to talk about them. Sexuality has an important meaning in adult life, dialoguing and discussing issues that involve the life of each young person is a necessity. I seek throughout this memorial to understand the issues of gender and sexuality, breaking the taboo that hinders the way to reduce violence. Know the story and have the ability to put yourself in the other's shoes. The method used involves qualitative aspects, through bibliographic research, developed mainly based on books and scientific articles related to the theme. I relate my life trajectory, the memories as a student, my experiences and challenges.

**Key words:** Education, Gender, Respect.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>2. CAPÍTULO 1 - As questões de Gênero e a Educação Escolar.....</b>	<b>07</b>
<b>1.1 – Conhecer e Respeitar.....</b>	<b>10</b>
<b>3. CAPÍTULO 2 - O Preconceito e a Discriminação como Forma de Violência</b>	<b>14</b>
<b>2.1 – Transfobia: A Violência contra o Transgênero.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 – Homofobia: a Intolerância ao Homossexual.....</b>	<b>16</b>
<b>4. CAPÍTULO 3 - Sexualidade: Precisamos Falar Sobre Isso.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 – Conceito de Sexualidade.....</b>	<b>18</b>
<b>5. REFLEXÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>6. ANEXO 1.....</b>	<b>23</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>



“Nem tudo que se vê é feito daquilo que é aparente”.

Robson Rodovalho

## INTRODUÇÃO

“Contar é muito dificultoso, não pelos anos que já passaram, mais pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança de vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho, que nem se misturam (...) têm horas antigas que ficaram muito perto da gente do que outras de recentes datas”. (ROSA, 1986, p. 172).

Escrever este memorial é um desafio gratificante, pois caminhei em busca de um passado adormecido e de pensamentos envelhecidos. Ingressei na área da educação em 2011, fui o primeiro da lista de aprovação do Programa Universidade para Todos (PROUNI) para o curso de Pedagogia, eu era bolsista integral na Faculdade Asmec de Ouro Fino.

O curso de pedagogia foi um grande desafio, primeiro por que eu estava entrando numa área totalmente diferente da minha, eu sempre trabalhei em malharia como retelinista, serviços gerais, sei todo o funcionamento de uma produção de malhas, o curso foi uma grande mudança na minha vida profissional e na minha vida pessoal. Aprendi a ter outro olhar para a educação. Eu costumo dizer que eu não escolhi o curso de pedagogia, foi o curso que me escolheu.

O segundo desafio, o curso é uma área dominada pelas mulheres, a princípio foi difícil, porque eu estava em meio a sessenta mulheres sendo o único homem. Depois de algum tempo me acostumei com esse ambiente feminino, me adaptei e fiz muitas amizades, demos muitas risadas, aprendemos muito, e ficamos tristes quando uma colega, a Joana, a mais animada, a mais feliz por estar fazendo o curso veio a falecer. Sendo o único homem da turma rendeu muitas risadas na hora das apresentações, sobrava tudo para mim. Tivemos que apresentar um teatro e escolhemos o Patinho Feio, eu fui ‘escolhido’ a interpretar o patinho feio. Mas, a minha maior dificuldade nesse ambiente foram as aulas de didática, nas quais tínhamos que desenvolver diversos trabalhos e jogos manuais e eu não tinha tantas habilidades. Na aula artes com a professora Fabiana Chaves, levamos argila e a atividade era criar alguma coisa com a argila, a professora deixou o tema livre, o que eu conseguir criar foi uma bola, enquanto minhas colegas criavam bonecas, outras criavam pilão e outra criou uma

frigideira com ovo dentro. Apesar de não ter tantas habilidades manuais, minhas colegas nunca me excluíram das atividades.

Sempre me perguntei se eu estava na profissão certa, não vemos professor na Educação Infantil. Mesmo sendo passível de críticas, a presença de professores do gênero masculino na educação infantil é um fenômeno raro e quase irrelevante diante da presença das regentes do sexo feminino.

Quando fiz estágio na Educação Infantil percebi os olhares dos pais que perguntavam se eu era o motorista do ônibus, outro perguntou se eu era o porteiro e ficavam espantados quando dizia que eu era professor. As professoras sempre trocavam olhares quando eu entrava na sala de aula, é uma sensação muito ruim, estavam me julgando por ser um professor na educação infantil. Ao conversar com a diretora perguntei se já tiveram algum professor do gênero masculino na escola, ela disse não e que os pais muitas vezes não aceitam. Durante o estágio percebi que não eram somente os pais que tinham preconceitos, a escola e as professoras não estão preparadas para ter um professor cuidando das crianças pequenas. Para o professor do gênero masculino ingressar na Educação Infantil, além de ter que provar nossas capacidades e conhecimentos técnicos, temos que provar também que possuímos as habilidades necessárias para lidar com as crianças pequenas e cumprir todas as tarefas presentes nesta fase da educação, que ainda remetem esta fase ao cuidado.

Recordo que durante a aula de estágio supervisionado, abri essa discussão com a professora Rita, mas ela não deu importância, apenas disse que é difícil encontrar um professor do gênero masculino na educação infantil, no município de Ouro Fino. De certo modo à professora me fez acreditar que eu não poderia atuar na educação infantil. Sinto que faltou na graduação discussões sobre gênero e sexualidade, eu era realidade desse tema dentro de uma sala de aula e passei despercebido. Poderíamos ter discutido sobre o professor do gênero masculino atuar na creche, mas isso não foi possível.

O meu maior reconhecimento na faculdade foi ser escolhido como orador da turma, foi um privilégio discursar para minhas colegas, amigas. E essa é uma parte do meu discurso<sup>1</sup>:

“(…)A pedagogia recebe influências de diversas ciências, como a psicologia, a sociologia, a antropologia, a filosofia, a história e a medicina, entre outras. (...) Convém destacar que há autores para os quais a pedagogia não é somente uma ciência, mas antes um saber ou uma arte. (...) Portanto somos agora artistas e

---

<sup>1</sup> Anexo 1

devemos pintar um mundo mais belo, justo, sem desigualdades, com justiça e, sobretudo com EDUCAÇÃO! – SOMOS EDUCADORES -, que, sem dúvida alguma, é a solução e o caminho ÚNICO para um mundo melhor!”

Como disse no discurso acima, “somos agora artistas e devemos pintar um mundo mais belo, justo, sem desigualdades, com justiça e, sobretudo com educação”. Ao relembrar essa frase, penso no educador que me tornei, nas injustiças que muitas vezes cometi sem perceber, por falta de diálogo, por não me envolver no assunto, eu percebi isso quando entrei na pós-graduação. Assim que terminei a graduação em 2013, no ano seguinte iniciei a pós-graduação em Educação Infantil no IFSULDEMINAS/campus Inconfidentes. Mas uma vez parei e perguntei: estou na profissão certa? Fazer pós-graduação em Educação Infantil, uma área atravessada pela presença de mulheres?

Sem questionar muito, comecei o curso conheci novos amigos, reencontrei amigas da faculdade e excelentes professores que sempre nos levavam a pensar sobre temas pouco discutidos. Recordo de uma aula da professora Melissa sobre história da infância, buscamos compreender o contexto histórico sobre a infância e vimos historicamente que as atividades de cuidar e educar as crianças tem sido destinadas às mulheres, principalmente na educação infantil. Segundo Louro ( 2012, p. 450):

“as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas são as primeiras e “naturais educadores. Portanto nada mais adequado do que lhes confiar à educação dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, uma “extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como filho ou filha “espiritual”

Nesse dia trouxe para a discussão minha experiência na graduação durante o estágio na educação infantil, citado anteriormente, e observamos através das colegas de sala que atuavam na educação infantil, que a educação infantil ainda carrega e tem forte entre suas características a relação de cuidar e não sendo necessário para a prática, um profissional formado na área, principalmente nas creches. De acordo com Sayão (2002, p. 2):

“A polêmica do trabalho docente masculino em creches se inscreve desta maneira porque historicamente, os cuidados, e eu incluo também a educação das crianças pequenas vem sendo, em grande parte das culturas, uma atribuição do universo

feminino carregando assim, as marcas culturais da maternagem, ou seja, as marcas culturais do feminino.”

Por que há tão poucos homens atuando na educação de crianças de 0 a 5 anos de idade? Fiz essa pergunta várias vezes é tema que precisa ser discutido e para que abra espaço e o reconhecimento de que, homens e mulheres podem desempenhar estas atividades.

Muito se pensou sobre as capacidades, ou até, das habilidades do homem em lidar com crianças menores, mas o que vemos atualmente é que, os homens estão cada vez assumindo profissões e desempenhando tarefas domésticas, ou seja, desmistificando a relação estereotipada de homens e mulheres. Depois que meu filho nasceu, minha esposa e eu passamos a dividir tarefas domésticas, cuidar do meu filho foi e é melhor sensação do mundo.

A questão de gênero e sexualidade foi um dos temas que me fez parar para pensar sobre a vida, como profissional de educação, marido, pai, como cristão e líder dos jovens de uma igreja evangélica, tido como conservador me senti desafiado a entender um pouco mais sobre as relações de gênero e sexualidade na escola, buscar novos conceitos para aprender e não fugir desse assunto.

Refletir sobre gênero e sexualidade numa época de transição de valores, é muito importante. Podemos encontrar na mesma escola, até na mesma família, pessoas com argumentações e pensamentos diferentes sobre assuntos ligados à sexualidade. Abordar esse tema é um grande desafio para nós educadores e para algumas pessoas, pois é preciso quebrar um tabu. E se em algum momento depararmos com essa questão em sala de aula, o que faremos? Fugimos do assunto? Por quê? Por medo ou despreparo?

Não podemos fugir desse assunto, pois estão sendo divulgados abertamente pelos meios de comunicação, através de propagandas, programas de auditório, filmes, novelas, documentários e revistas. Como esquecer dos blogs e sites de relacionamentos, as pesquisas de opinião, não escapamos das câmeras e dos monitores de vídeo que nos vigiam, vivemos mergulhados em conselhos e ordem, somos controlados o tempo todo.

É só ligar a televisão ou acessar a internet que rapidamente, recebemos várias notícias direcionadas às questões de sexo, gênero e sexualidade. Hoje as crianças têm acesso a esses meios de comunicação, e elas querem saber, querem trocar ideias e compreender o que viram. As crianças estão abertas a conversar, porque vivem a fase dos porquês, “por que isso” ou

“por que aquilo” e é na escola que encontramos um ambiente de sociabilidade entre as crianças, nessa fase o professor estabelece uma relação de confiança trazendo informações sobre as diferenças corporais e sexuais que culturalmente cria a sociedade, as ideias e os valores sobre o ser homem e o ser mulher.

A escola tem um papel fundamental e importante na construção de valores e atitudes que permitam um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de gênero e a sexualidade. As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias, ignorar ou reprimir dependerá de cada professor, o pensamento e a atitude do professor podem transformar a escola em um lugar de práticas de desigualdades e de produção de preconceitos e discriminações.

Relatos de *bullying*, violência e suicídio envolvendo crianças e adolescentes que fogem desse padrão já fazem parte do cotidiano das matérias de jornal, internet e tv. E são transformadas em debates e discussão em rede nacional. Na graduação eu senti falta de ter disciplinas obrigatórias que abordem as questões de gênero e sexualidade. Em conversa com as colegas durante os intervalos, lembramos da modelo Roberta Close e levantamos discussões, percebi que há uma acomodação, os colegas que já atuavam na sala de aula não queriam se envolver com esses temas.

Chega de fugir de um assunto que precisa e é necessário ser discutido e debatido na sala de aula, em casa, nas igrejas. O objetivo desse memorial é me tornar mais humano, mais pai, quando meu filho vier com alguma dúvida, como: o que é transgênero, sexualidade, homofobia, preconceito, homossexual, eu quero ter o conhecimento suficiente para responder a tais perguntas. Não quero ser aquele pai de anos atrás que quando tínhamos algumas dúvidas dava respostas vagas. Isso me fez lembrar da minha mãe, um dia cheguei da escola e perguntei para minha mãe sobre um menino que estudava comigo, esse menino só gostava de brincar com as meninas, eu não o entendi, perguntei porque ele era diferente dos meninos, minha mãe rápido e em um bom tom disse para ficar longe dele. E só fui entender essa diferença quando cresci. Hoje os tempos são outros, as informações estão por todas as partes, como educador, eu não posso me permitir dar respostas vagas.

Busco ao longo desse memorial apresentar reflexões sérias acerca das questões de gênero, sexualidade e a educação: No capítulo 1: Questão de Gênero, discutiremos o conceito de gênero, a sua construção social e a sua importância no ambiente escolar. No capítulo 2:

Discutiremos o preconceito e a discriminação como forma de violência e as questões sobre a exclusão social, a violência contra os transgêneros e a violência contra os homossexuais. No capítulo 3: Vamos falar sobre sexualidade, um assunto complexo, controvertido e de conceituação difícil. Tem sido alvo de tabus, repressões, distorções e pouco discutido na sala de aula.

## CAPÍTULO 1 - AS QUESTÕES DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO ESCOLAR

De uns anos para cá, começamos a ouvir muito sobre questão de gênero. Na internet, é só fazer uma pesquisa rápida que aparecem várias notícias como: “Livros didáticos falarão sobre igualdade de gênero a partir de 2019”<sup>2</sup>, “É o fim das diferenças de gênero? MTV faz premiação para afirmar que sim”<sup>3</sup>, na academia ou no trabalho ouvimos: “O Gênero dentro da escola...”, “O Gênero e a Política..”, “A igualdade de Gênero...”.Mas, afinal o que é Gênero?

De acordo com minidicionário Aurélio (2002, p.439) o termo gênero:

“1.Espécie, tipo: Aprecia todo gênero de música. 2. Antr. Biol. Conjunto de seres ou coisas que têm como característica a semelhança entre si ou a mesma origem. 3. Biol.Categoria de animais ou de vegetais que se situa abaixo da família e acima da espécie. 4. Gram. Categoria gramatical que classifica nomes e pronomes de uma língua, distinguindo-os, p.ex., entre masculino, feminino e neutro. 5.Liter. Categoria distintiva de composição literária: A poesia épica e o drama são gêneros literários. 6.Antr. A forma que a diferença sexual assume, nas diversas sociedades e culturas, e que determina os papéis e o status atribuídos a homens e mulheres e a identidade sexual das pessoas.”

Para Teixeira (2010, p. 38), o conceito de gênero trata as diferenças entre homens e mulheres como produto de construção social:

“O conceito de gênero nega a “razão” biológica e aponta os aspectos culturais como produtores das diferenças entre os sexos. Portanto, muda-se, radicalmente, o entendimento sobre comportamentos de homens e mulheres. Para além disso, tal visão criou a distância necessária entre os conceitos de sexo e gênero, humanizando aqueles que não se “encaixavam” propriamente ou “apropriadamente” nesses dois universos (masculino e feminino) tão rígidos.”

Gênero é uma construção social, do ser homem, e ser mulher. Por exemplo: para a sociedade um menino tem que gostar de azul, gostar de futebol, de carrinho, de bagunça, de bola, balão, pipa, pião, sapatão, de carros, motos, aviões, de cavalo, vaca, rodeio, de paquerar, azarar e maltratar. A menina tudo tem que ser rosa, ela tem que gostar de rosa, de vestido, de princesa e príncipe, de balé, de fazer maquiagem, cabelo, roupa, e comida, de brincar de

---

<sup>2</sup><http://g1.globo.com>. Acesso em: 23 de janeiro de 2018

<sup>3</sup><https://cinema.uol.com.br>. Acesso em: 23 de janeiro de 2018



boneca, de casinha, de ser mãe, professora, ganham de presente Barbie de cabelos loiros, com corpo super magro, fogãozinho, panelinha, de sandálias, saias e blusinhas, tem que ser boazinha, não responder e não falar alto, alto só se for o salto do sapato, escutam que precisam ser bonitas e agir como donzelas.

Ser menino ou menina não se restringe aos moldes da sociedade, quando não se encaixam nesse modelo, começam os preconceitos. A menina que gosta de jogar futebol será criticada, já que futebol é “coisa de menino”, o menino que gosta de dança ou teatro será criticado, já que dança é “coisa de menina”. Essas crianças vão crescer ouvindo o mundo dizer o que é certo e errado para seu gênero. De acordo com Ferrari (2009, p.106):

“ (...) quando um menino larga o ‘seu’ carrinho e pega uma boneca, aciona algo nos adultos como um alarme, que, como qualquer outro mecanismo desse tipo, tem uma função de vigilância e também de denúncia da invasão de um território proibido, fazendo com que alguém recolocá-lo no ‘seu’ lugar.”

As questões de gênero estão por toda parte, e estão presentes na escola. Ouvi relatos de colegas que trabalhavam na educação infantil e à noite frequentavam o curso de Pedagogia, que tiveram alunos que saíram dos padrões da sociedade, um menino ia de esmalte para escola, o outro gostava de vestir blusas de coraçãozinho, florzinha, as professoras diziam que as crianças se espelhavam muito nelas. Se a professora fosse de esmalte vermelho, o menino que gostava de usar esmalte no outro dia aparecia de esmalte vermelho igual ao da professora. Na hora de contar a quantidade de meninas e meninos, um menino queria ser contado como menina, e dizia ser menina.

É na escola que a criança aprende a respeitar a si mesmo e ao próximo, muitas vezes é repreendida por ser diferente, ou é separada por ser diferente. Ao julgarmos essa criança, estaremos condenando seu futuro, a longo prazo talvez nem percebamos o quanto essas atitudes distanciaram os seres humanos.

A questão de gênero está no dia a dia da escola, mas a escola ainda continua conservadora. Segundo Teixeira (2010, p. 42):

“a escola tem se pautado por valores bastante conservadores, principalmente quanto às questões de gênero. O conservadorismo se expressa nas dinâmicas escolares, desde a vigilância com a aparência dos alunos (vestimentas, posturas ditas apropriadas para meninos e meninas), passando pelo controle do que se pode ou não falar e pensar, até à divisão dos

espaços escolares (filas, banheiros, listas de presença, brincadeiras). Lembram às crianças, rotineiramente, suas diferenças. A “polícia” dos comportamentos se estende das imagens e mensagens que estampam as paredes das escolas, até as imagens e textos dos livros didáticos. Tudo conspira para uma padronização de comportamentos diversificados para “eles” e “elas”.

Para a autora, a imposição de um padrão pela escola ditando o que as crianças podem ou não fazer, faz a criança se autocontrolar e controlar o colega quanto aos comportamentos ditos errado para seu sexo. Quando eu estava fazendo estágio, ficava observando as crianças no seu momento de brincadeira livre, os meninos ficavam com a bola e não deixavam as meninas jogarem futebol com eles, pediam para elas saírem, brincar de outras coisas, as meninas ficavam com raiva, choravam e reclamavam com a professora, que as distraíam com outros brinquedos. No final das contas as meninas só podiam jogar futebol na aula de educação física e nada mais.

“A cultura da escola faz com que respostas estáveis sejam esperadas e que o ensino de fatos seja mais importante do que a compreensão de questões íntimas. Além disso, nessa cultura, modos autoritários de interação social impedem a possibilidade de novas questões e não estimulam o desenvolvimento de uma curiosidade que possa levar professores e estudantes a direções que poderiam se mostrar surpreendentes. Tudo isso faz com que as questões de sexualidade sejam relegadas ao espaço das respostas certas e erradas.” (TEIXEIRA apud BRITZMAN, 2003, p.85-86)

Para a questão de gênero as escolas preferem o silêncio ou o conservadorismo. Na minha época de estudante, nunca ouvi professores tocarem em tais assuntos e até mesmo na faculdade, não tive uma aula que tratasse sobre gênero. As escolas preferem deixar tudo como está a lutar contra o conceito binário de menina e menino. Talvez esse seja o maior desafio da escola, romper com o modelo social de homem e mulher, menina e menino. Segundo Pupo (s/d), é preciso que os meninos e as meninas percebam que seu modo de viver não tem nada a ver com as capacidades inatas, e nem naturais, mas que foram construídas socialmente e é um modelo de conduta.

Tratar a questão de gênero é um grande desafio para os professores, é quebrar um tabu que a sociedade impôs e buscar um novo olhar profissional, buscar informações, pesquisas, ter um autoconhecimento para construir um diálogo junto aos educandos.

Segundo Pupo (s/d, p.7):

“É tarefa da escola fazer com que alunos e alunas reflitam sobre seus sentimentos e emoções diante de conflitos interpessoais, desconstruindo preconceitos de gênero e contribuindo para a construção de novos modelos de relação entre homens e mulheres pautados em princípios de igualdade e justiça.”

Professor ciente, de mente aberta e diálogo fácil será a mudança junto às crianças e à comunidade, buscando assim uma educação igualitária, um espaço para todos, para que tenham diálogos, que tirem dúvidas e tenham um futuro sem perseguição, ódio e violência.

## 1.1 CONHECER E RESPEITAR

“Será mesmo que o respeito anda mesmo em desuso, pra mim soa tão confuso, essa tão necessidade, de alguém que é diferente, enfrentar um mar de gente, lutando por igualdade, e talvez essa igualdade, essa tal pluralidade, seja a mais pura vontade de viver a liberdade, de ser só o que se é, de ser homem, de ser mulher, de ser quem você quiser, de ser alguém de verdade. Seja trans seja transparente, seja simplesmente gente, mesmo que alguém lhe julgue diferente, mesmo que você mesmo se julgue diferente, eu reforço, seja gente, urgente.”  
Bráulio Bessa

A transexualidade é uma questão de identidade, como veremos a seguir, não é uma doença contagiosa, uma escolha ou um capricho é a identidade que a pessoa sente ser. Neste capítulo abordaremos o termo transgênero que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero de nascimento. A pesquisa bibliográfica foi feita em livros, artigos científicos, teses e dissertações dos seguintes pesquisadores: Bento (2008), Jesus (2012), Chidiac e Oltramari (2004). Com o objetivo de buscar subsídios para fundamentar teoricamente o tema sexualidade. Transgênero segundo Berenice Bento (2008, p. 15, 18, 31-35), conforme citado por Abílio (2016 p.130):

[...] é uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero”, sendo os transgêneros pessoas que “ousam reivindicar uma identidade de gênero em oposição àquela informada pela genitália e, ao fazê-lo, podem ser

capturados pelas normas de gênero mediante a medicalização e patologização da experiência”. Isso porque, de acordo com a autora, enquanto o heterossexismo social afirma que “Os gêneros inteligíveis obedecem à seguinte lógica: vagina-mulher-feminino versus pênis-homem-masculino”, de sorte a institucionalizar o entendimento de que a complementaridade natural provaria, inquestionavelmente, que a humanidade seria necessariamente heterossexual e que os gêneros só teriam sentido quando relacionados às capacidades inerentes de cada corpo (ou seja, uma construção identitária que ligue necessariamente o sexo biológico do homem ao gênero masculino e o sexo biológico da mulher ao gênero feminino), por conta dessa presunção heterossexista, a transexualidade passa a representar um perigo para estas normas de gênero, “à medida que reivindica o gênero em discordância com o corpo-sexuado”

Ser trans não significa necessariamente ser gay, ser homossexual, ser bissexual. Ser trans refere-se a identidade de gênero: o ser homem ou ser mulher. É como a pessoa se vê, se sente, se percebe, como se reconhece, a qual gênero se identifica, por exemplo: nasce com o sexo biológico masculino e não se identifica com o gênero masculino ou nasce com o sexo biológico feminino e não se identifica com o gênero feminino. De acordo com a autora Jaqueline Jesus (2012, p.15):

“Uma parte das pessoas transexuais reconhece essa condição desde pequenas, outras tardiamente, pelas mais diferentes razões, em especial as sociais, como a repressão. A verdade é que ninguém sabe, atualmente, por que alguém é transexual, apesar das várias teorias. Umaz dizem que a causa é biológica, outras que é social, outras que mistura questões biológicas e sociais.”

Segunda a autora, uma mulher trans age de acordo com o gênero que se identifica, ela adota um nome, aparência e comportamentos femininos, precisa e quer ser tratada como mulher. O mesmo acontece com os homens trans, a mudança de nome, a aparência e comportamentos masculinos e precisam ser tratados como quaisquer outros homens.

Ainda de acordo com a autora, uma pessoa trans pode escolher sua vida sexual, mulheres trans que se atraem por homem são consideradas heterossexuais, o mesmo caso acontece com o homem trans que atraem mulheres. São considerados homossexuais mulheres trans que se atraem por outras mulheres e homens trans que se atraem por outros homens.

Uma pessoa transgênero vive como ela é por dentro, luta contra o próprio preconceito, e o preconceito de uma sociedade que finge ser o que não é, uma das maiores riquezas do ser humano é a aceitação, ser feliz por aquilo que é e não pelo que tem. Talvez essa seja a explicação da felicidade de muitas travestis, Crossdressers<sup>4</sup> e Drag Queen<sup>5</sup> e Drag King<sup>6</sup>, eles são felizes porque se aceitam e se amam.

De acordo com Jesus (2012, p.27) travesti é um termo utilizado a “pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero”. Ainda de acordo com a autoras travestis vivem os papéis femininos, se vestem como mulheres, usam maquiagem, sobrancelha definida, unhas bem feitas, mas não se reconhecem como mulher e nem como homem. As travestis são vistas como profissionais do sexo. Segundo Hatugai (2009, p.220):

“A vida profissional também uma dinâmica específica do mundo das travestis. A prostituição é uma fonte de renda com os programas e com roubos de clientes, assim como é fonte de prazer. Elas mostram que não se trata de uma atividade degradante que, não deve ser pensada somente pelo viés econômico, a prostituição reserva prazer, satisfação, ‘engenera’ quando são penetradas, lhes proporciona sex appeal, auto-estima, as faz se sentir mais atraentes. É na “pista” que a travesti batalha o dinheiro para comprar o afeto da família, “completar” o corpo, “agradar” o namorado com bens, que se sente desejada.”

Ainda de acordo com a autora é na prostituição que as travestis enfrentam a violência, as agressões e assassinatos, agressões verbais e físicas.

Megg Rayara Gomes de Oliveira foi destaque pela colunista Adriana Justi<sup>7</sup> por ser a primeira travesti negra a conquistar o título de doutora pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Observamos poucas oportunidades de emprego para as travestis e isso me fez lembrar da história de uma colega de faculdade. Ela trabalha em uma empresa multinacional e essa empresa empregou travestis. Não houve preconceito na contratação. As travestis utilizavam o banheiro masculino, banheiro de fábrica tem várias divisórias, uma travesti foi utilizar o banheiro e um homem ignorante encheu um balde de água e jogou em cima dela que ficou toda molhada e ninguém procurou o culpado, pelo contrário, foi motivo de risada por

---

<sup>4</sup>Crossdressers: homens heterossexuais que se vestem com roupas femininas.

<sup>5</sup> Drag Queen: são artistas performáticos que se vestem com roupas femininas.

<sup>6</sup> Drag King: são artistas performáticos que se vestem com roupas masculinas.

<sup>7</sup>. “Após uma vida marcada por preconceito, travesti negra conquista título de doutora na UFPR” por Adriana Justi, G1 PR, Curitiba. 18/04/2017.

onde passava, agiram como se aquela situação não fosse nada grave. E realmente as travestis não têm o direito garantido ao trabalho decente devido ao preconceito.

Crossdressers é um novo termo, segundo Jesus (2012), refere-se aos homens heterossexuais, a maioria casados que se vestem de mulheres. Se consideram homens.

Drag Queen e Drag King são homens que se transformam em mulheres, elas distinguem-se por andarem em seu cotidiano vestidos de homens e exercendo diversas profissões. As drag queens atuam, dublam e dançam, para Chidiac e Oltramari (2004, p.472):

“As drags ressaltam suas características caricatas que lhes permitem a utilização dos mais diversos e variados acessórios na constituição de suas personagens feminino-masculinas. A imagem de uma drag queen vem sempre associada aos conceitos de beleza, sedução e vaidade.”

Segundo Jesus (2012) drag king é o termo utilizado para mulheres que se transformam em homens, elas vivenciam a inversão de gênero como forma de arte.

O homem ou a mulher transgênero devem ser tratados de acordo com o gênero que se identificam. Assim como as crianças transgêneras, as crianças que não se encaixam nas normas que a sociedade espera de seu gênero, muitas vezes são apelidadas como “Maria-sapatão”, “boiola”. São ofensas que trazem consequências para o resto da vida. Crianças sem apoio da família, sem apoio da escola sofrem com o medo, os jovens trans perdem o interesse nos estudos, e o risco de se envolverem com drogas e álcool é grande. Tudo seria mais fácil se houvesse respeito. Mas, o que observamos é que muitos educadores, muitas pessoas, famílias, ainda fogem do assunto. Não podemos fugir daquilo que está na nossa frente, não podemos fechar os olhos e fingir de cegos para crianças e jovens que pedem ajuda para entender a si próprio. Que tipo de profissional julga sem ao menos buscar entender um pouquinho da realidade de seus alunos?

É hipocrisia criticar sem conhecer a realidade de um aluno, sem se colocar no lugar e pensar: e agora o que faço? Que apoio eu tenho? O professor precisa deixar de lado o escudo da ignorância e buscar a ser um mestre que ensine seus alunos a pensar, a buscar respostas, a resolver os problemas e a produzir conhecimentos.

## **CAPITULO 2 - O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO COMO FORMA DE VIOLÊNCIA.**

“Há quem nasceu pra julgar, há quem nasceu pra amar. E é tão simples entender de qual lado a gente tá! Do lado certo meu povo, o lado certo é amar, amar para respeitar, amar para tolerar, amar para compreender que ninguém tem o dever de ser igual a você, apenas seja, enfrente essa peleja. Contra uma sociedade que se acha no direito de lhe julgar por maldade. Seja de verdade, afinal da sua alma do seu corpo e da sua identidade é você e só você que possui autoridade.” Bráulio Bessa

Segundo o dicionário Aurélio online de Português (2014) preconceito é:

“Intolerância; repúdio demonstrado ou efetivado através de discriminação por grupos religiosos, pessoas, ideias; pode-se referir também à sexualidade, à raça, à nacionalidade entre outros.”

O preconceito está presente na história da humanidade. Muitas pessoas morreram, ou foram julgadas pelo simples fato de não se adequarem a sua época, por não adequarem às regras da sociedade, talvez essa seja a arma mais perigosa que o ser humano tem nas mãos, o julgar, pois todo mundo tem acesso a ela.

Durante a vida o ser humano vai incorporando valores, sentimentos e idéias que vão construindo a mente e o pensamento, e isso reflete na maneira de viver e conviver, uns seguem os padrões sociais, outros não, o que não é aceitável por todos. Para Menezes (2005, p. 4), o preconceito está ligado aos grupos sociais, quando determinado comportamento for aceitável tudo estará bem, quando não for será julgado, será excluído:

“É atribuído à sociedade do eu tudo o que for mais elaborado ou civilizado. Já a sociedade do outro é marcada pela reificação de ideias etnocêntricas [...] ele é percebido como um ‘intruso’ que trará a desordem. Portanto, para evitar o possível caos, busca-se manter o status quo, para o que é necessário calar o outro, mantendo-o excluído e dominado a fim de permanecer a ilusão do equilíbrio e da ordem vivida na ausência da diferença.”

As diferenças existem, mas elas não são vistas como algo positivo, pelo contrário, elas causam desconforto, medo e intolerância, isso impede de reconhecer o outro, as qualidades do outro. E quem não se encaixa nos padrões da “normalidade” é negado o direito de viver a sua

própria identidade, é julgado e condenado por todos. Esse comportamento de rejeição às diferenças é denominado preconceito.

O preconceito é uma opinião formada, é um julgamento apressado sobre uma pessoa sem conhecê-la e sem pensar nas consequências. De acordo com McLaren (1997, p. 212):

“Preconceito é o prejulgamento negativo de indivíduos e grupos com base em evidências não reconhecidas, não pesquisadas e inadequadas. Como essas atitudes negativas ocorrem com muita frequência, elas assumem um caráter de consenso ou cunho ideológico que é, muitas vezes, usado para justificar atos de discriminação”

Vamos destacar dois grupos que sofrem com a opinião formada ou mal informada da sociedade, as pessoas trans e os homossexuais, o que gera a transfobia e a homofobia.

## 2.1 TRANSFOBIA: A VIOLÊNCIA CONTRA TRANSGÊNERO

Transfobia é a discriminação contra pessoas transgêneros e travestis. É o ódio, as ofensas verbais e as violências físicas que podem levar ao assassinato. Foi o caso da travesti Dandara que foi brutalmente espancada até a morte. Os agressores filmaram a violência e expuseram nas redes sociais, fato que chocou o Brasil, mas logo foi esquecido. Com base em dados da Rede Trans<sup>8</sup> Brasil, das 171 mortes registradas, 45 foram de forma bárbaras e brutais, foram mortas à: pauladas, pedradas, mutiladas, estranguladas, queimadas e esquartejadas. Outro caso que ganhou destaque nacional foi a travesti Ágatha Lios de 23 anos, assassinada por outras quatro travestis a golpes de facas, um dos motivos que levou à violência foi a sua beleza, Ágatha era considerada muito bonita.

Pessoas trans são acompanhadas pelo preconceito, pela falta de reconhecimento social, são vítimas de preconceito na família, na escola, no mercado de trabalho, na vida. Observamos poucas transexuais e travestis concluir o ensino médio, ainda temos escolas perdidas diante da orientação sexual e de identidade de gênero, temas que não estão presentes em seus manuais. O desrespeito e a intolerância a pessoas trans na escola normalmente tem como consequência o abandono do estudo ou expulsão.

---

<sup>8</sup>Rede Trans Brasil é uma instituição, que monitora a situação de travestis e transexuais no país. Disponível em: <<http://redetransbrasil.org/a-rede.html>>



## 2.2 HOMOFOBIA: A INTOLERÂNCIA HOMOSSEXUAL

Homofobia é a discriminação aos homossexuais, é o ódio, a violência verbal, psicológica, física e a violência fatal, o assassinato, a ridicularização, o apelido: boiola, viado entre outros. É a exclusão e a afirmação de não querer conviver com uma pessoa homossexual.

Quando eu estava cursando a graduação no curso de pedagogia tínhamos uma colega que era homossexual assumida, tinha uma namorada na faculdade, nunca houve rejeição por parte das outras colegas, todos se respeitavam, nunca a apelidaram e sempre a chamaram pelo nome, e trabalhávamos em grupo sem excluir ninguém. Mas quando ela estava namorando, as pessoas passavam olhando como se nunca tivessem visto aquilo, quando ela passava de mãos dadas todos se entreolhavam como se aquilo fosse o fim do mundo.

Na graduação não tivemos nenhuma aula sobre sexualidade e gênero, até no ensino superior há certa relutância em discutir o tema, ou seja, o professor sai com a formação incompleta e ao chegarem às escolas de ensino básico carregam uma bagagem de medo. Medo de discutir o tema, por ignorância, por insegurança de não saber o que falar.

Sendo o único homem da faculdade me tornei um bom ouvinte, entrar nesse tema me fez lembrar da história de uma colega, que fiquei em choque quando ela me contou, pois vemos a tais crueldades na televisão. Nunca imaginei que algum conhecido poderia ter passado por isso e pedi para que recontasse, minha colega de faculdade e de pós graduação, que relatou a homofobia na sua família. Segue o relato:

“Meu primo Edson, morava em um sítio na cidade de Mogi Guaçu. Morava junto com a família que tirava o sustento vendendo leite pela cidade. Era uma família de quatro filhos homens, todos ajudavam na ordenha e no cuidado das vacas e na venda do leite. O Edson era o segundo filho mais velho, e ele era diferente dos irmãos, diferente na maneira de vestir, de falar e mesmo trabalhando em um serviço bruto ele era o mais delicado, ele era ‘afeminado’. E mesmo com tanta diferença, nunca houve na família brigas em relação a sexualidade, entre os irmãos havia respeito, entre os parentes havia respeito. Nunca soubemos por qual razão ele nunca se assumiu, e nunca vamos saber. Isso aconteceu 13 anos, o Edson saiu com uns amigos, ele gostava muito de sair à noite, mas ele sempre voltava no mesmo horário, ele sabia que a mãe dele fica esperando ele voltar. Nesse dia ele não voltou, passou a madrugada, começou a amanhecer e ele não apareceu, acharam estranho, começou a preocupação todos

saíram em busca de informação, em busca dele, e ninguém sabia onde ele estava. Acionaram a polícia que começou a busca ao arredores de Mogi Guaçu, foram até uma cidade vizinha chamada Estiva Gerbi, começaram as buscas na mata, meu tio, pai do Edson foi junto para ajudar nas buscas e foi ele quem o encontrou, já estava sem vida. O Edson foi brutalmente assassinado com golpes na cabeça, e cortaram sua genitálias, não houve assalto, o carro estava lá, a carteira e o dinheiro. Foi o maior choque da família, a morte inesperada e é até hoje um choque contar essa história, lembrar a maneira que o deixaram, simplesmente não acreditamos no que aconteceu. Infelizmente junto com a dor da perda, o assassino conseguiu trazer um sentimento pior, a vingança, os meus primos (irmãos do Edson) juraram acabar com a vida dele, mas graças a Deus isso nunca aconteceu, a polícia prendeu o suspeito do assassinato, que declarou demência, e cumpriu a pena em uma clínica de recuperação. Antigamente pouco se falava em homofobia, hoje com mais informações, acreditamos que foi um ato homofóbico. O preconceito destruiu a vida de uma pessoa alegre, que amava a vida, amava viver e era amado por todos a sua volta, e destruiu um família inteira que até hoje sofre com a perda.”

Não podemos deixar de destacar o campo de concentração para homossexuais na Chechênia, com uma sociedade fortemente tradicional, é inaceitável ter um gay na família, chega a ser considerado uma mancha, um erro para a toda família. Pessoas são presas, espancadas, humilhadas e excluídas por não encaixarem num padrão de sociedade heteronormativo. Famílias são destruídas, futuros são destruídos por ignorância de um povo que recusa respeitar o outro, que recusa respeitar a escolha do outro. E isso acontece em todos os lugares, e principalmente na escola, onde as barreiras do medo são altas e difíceis de escalar. O medo de falar sobre gênero e sexualidade demonstra que o ser humano é limitado por falta de conhecimento. Para Bento (2008, p. 129):

“(…)não existem indicadores para medir a homofobia de uma sociedade e, quando se fala na escola, tudo aparece sob o manto invisibilizante da evasão. Na verdade há um desejo em eliminar e excluir aqueles que contaminam o espaço escolar. Há um processo de expulsão e não de evasão.”

## CAPÍTULO 3 – SEXUALIDADE: PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO

### 3.1 CONCEITO DE SEXUALIDADE

A sexualidade ainda é um grande tabu na sociedade, mesmo estando em uma época diferente de nossos avós e bisavós, a sexualidade ainda é cercada de muitos mitos. A falta de informação só cria mais dúvidas e curiosidades. E hoje temos mais informações, mais acesso a internet e mais dúvidas sendo esclarecidas de maneira errônea.

O minidicionário Aurélio (2002, p.799) define sexualidade como: “1.Qualidade de sexual. 2. Conjunto de comportamento ligados ao sexo ou à satisfação sexual”. Numa mais recente edição do Infopédia<sup>9</sup> Dicionários Porto Editora, sexualidade é definida como: “características morfológicas, fisiológicas e psicológicas relacionadas com o sexo”. Porém, o conceito sexualidade tem sofrido inúmeras mudanças ao longo dos tempos, acompanhando de transformações sociais e históricas.

Segundo Pontes (s/d p.23) apud OMS<sup>10</sup> (2002, s/p) define a sexualidade como um conjunto de sentimentos “que nos motiva a procurar amor, contato, ternura e intimidade”, é tudo que somos e tudo que tocamos e como somos tocamos, a sexualidade é: “(...) ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.”

Definir o conceito de sexualidade é uma tarefa extremamente complexa, pois ela diz respeito a diversas áreas da vida como: identidade de gênero, a orientação sexual, a maternidade, paternidade, etc... Não tem como pensar em uma vida sem pensar na sexualidade. Mas, cá entre nós, quando pensamos em sexualidade logo relacionamos com o sexo, com o ato sexual, e a sexualidade é um conceito muito mais amplo. Segundo as autoras Silvani Arruda e Vânia Correia (2003, p.27) sexualidade:

“(...) é o que nos motiva a buscar afeto, carinho, contato físico. Tem a ver com sentimentos de satisfação e prazer. Cada pessoa vivencia a sexualidade de um jeito diferente e varia ao longo do tempo. Faz parte da vida de todas as pessoas independentemente da idade que elas têm. Diz respeito ao nosso corpo, nossa história, nossas relações afetivas, nossa cultura. É

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sexualidade>. Acesso em: 23 de março de 2018.

<sup>10</sup> Organização Mundial de Saúde

bem mais do que sexo, uma simples parte biológica de nosso corpo que permite a reprodução.”

Não possível separar a sexualidade do corpo, nem falar do corpo sem considerar a sexualidade, afinal a sexualidade esta presente em todas as fases da nossa vida, e faz parte da personalidade de cada um. Para Pontes (s/d p. 36):

“A sexualidade, enquanto conceito, é multidimensional, extremamente permeável ao contexto social, cultural e histórico mas também um poderoso motor de mudança social, que se encontra em permanente transformação. Essas transformações têm necessariamente impacto no que diz respeito à educação sexual que, em função das épocas e culturas, pode ser proibida, sancionada, incentivada ou até endeusada, como se de uma panacea para todas os problemas sociais se tratasse.”

A sexualidade pulsa nos corredores da escola, mesmo que a escola tente criar uma barreira para não discutir o assunto, o assunto está presente no seu dia a dia. Isso me fez recordar da primeira que me disseram que eu não era “homem de verdade”, e foi exatamente na escola, quando uma menina disse que eu não era homem de verdade acreditando que eu não gostasse de mulher, isso me deixou muito chateado, por eu não entender o que aquilo significava, por ficar me perguntando, quem sou eu? Eu não me lembro de ter falado sobre sexualidade na escola, mas foi na escola que aprendi que chamar alguém de “bicha, viado, sapatão” era errado, era algo ruim, motivo de punição. Para Aquino (1997, p.9):

“A sexualidade insiste em mostrar seus efeitos, deixar seus vestígios no corpo da instituição [...] Ela se inscreve, literalmente, às vezes, na estrutura das práticas escolares. Exemplo disso? As pichações nos banheiros, nas carteiras, os bilhetes trocados, as mensagens insinuantes. O que dizer, então, dos olhares à procura de decotes arrojados, braguilhas abertas, pernas descobertas?”

A escola ainda não sabe como trabalhar a questão da sexualidade, não se discute o tema, apenas o silencia. O mesmo acontece em algumas famílias que preferem o silêncio do que dialogar sobre a sexualidade, em uma época digital, de informações instantâneas, deixar o adolescente fazer pesquisa na internet sobre sexualidade pode levá-lo a dois caminhos: a resposta correta ou a deixá-lo com mais dúvidas.

Segundo o PCN (1997, p.87) de Orientação Sexual abordar a sexualidade na escola precisa ser de forma:

[...] explícita, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento à conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar uma aprendizagem e um desenvolvimento crescente.

Para tanto, é importante que o professor amplie seus conhecimentos sobre o assunto para que possa dialogar e esclarecer todas as dúvidas e, assim promover debates num ambiente convidativo, e respeitando a opinião de cada um. Discutir sobre a sexualidade na escola não irá fazer o aluno escolher sua identidade de gênero, até porque não se escolhe, sexualidade é igual a cor da pele, não é uma escolha, ninguém decide a própria sexualidade.

Falar sobre a sexualidade na escola é fundamental para a vida, irá prepará-lo para a vida adulta de forma segura, convidando-os à responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo, convidando-os à respeitar o outro, pois a sexualidade tem dimensões físicas, espirituais, econômicas, política, culturais, psicológicas e sociais.

Atualmente observamos que os jovens estão tornando-se sexualmente maduros e ativos mais precocemente, por isso é importante uma educação que esclareça sobre a sexualidade, ela é uma parte crítica da prevenção do HIV e outras doenças transmitidas sexualmente, além da gravidez não planejada e atividade sexual coercitiva e abusiva. É importante que haja um desenvolvimento da consciência crítica e práticas pautadas no respeito aos direitos humanos e na diversidade.

## REFLEXÃO

“Respeito às diferenças...

Ninguém é obrigado a gostar de ninguém, mas é obrigado à respeitar.  
Principalmente se não conhece, não convive, não busca compreender à seu próximo.

Ninguém é perfeito, todos tem defeitos,  
São os defeitos que nos desafiam a mudar, melhorar, progredir e evoluir.

A perfeição está nas diferenças que se completam.

O dia e a noite,

O sol e a lua,

A luz e a sombra,

Não importa a etnia, a classe social ou a aparência,

Seja grande ou pequeno, alto ou baixo.

As diferenças nos tornam únicos.

E tudo que é único, é precioso e insubstituível...

Assim como os momentos, os lugares e as pessoas.

Não cultive dentro de si as fobias que nos separam,

A intolerância é um câncer que contamina a alma.

Respeite às diferenças...

Elas existem e sempre haverão de existir,

Goste ou não” ( Bruno Machado)

Jamais poderia chegar a esta página de reflexão se não tivesse realizado o sonho de cursar a pós graduação, que veio para somar em minha vida.

Pesquisar sobre gênero e sexualidade, um tema que ainda é um tabu na sociedade, levou-me na mais profunda reflexão, a reflexão “do eu”, do julgar o outro sem conhecer a sua história, julgamos a aparência, o modo de falar e de vestir. Segundo Nathalie Davis (1975 s/p) citado por Joan Scott (s/d p.1):

“Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, da mesma forma que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses.”

Deveríamos nos interessar pelas histórias das pessoas, ao escrever este memorial me surpreendi com as histórias de meus colegas, histórias que marcaram suas vidas, relatos tão fortes e tristes que foram revividos em forma de pesquisa.

Se hoje conluo esta pesquisa graças as minhas colegas que compartilharam suas memórias e suas experiências, aos docentes do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais que

criam situações que nos levou ao questionamento e ao pensamento crítico, o transitar pelas fronteiras das sexualidades e dos gêneros modificou minha maneira de pensar. Hoje sinto-me preparado para falar sobre a sexualidade, sem tabu, sem preconceitos, sem a ignorância de antes que fazia este tema ser espantoso.

Entender as questões de gênero e sexualidade abre um caminho para reduzir a violência contra homossexuais, transgênero, travestis, lésbicas, bissexuais. Conhecer a história é o caminho para respeitar a identidade do outro.

## ANEXO 1

“Estou emocionado, honrado e agradecido a Deus por ter sido escolhido, como orador, pela minha turma de Pedagogia - formandos 2013.

Neste momento, abraço a cada um de vocês com muito carinho e emoção!

Foram três anos juntos que jamais esqueceremos...

As aulas, os trabalhos, os estudos, as provas, o companheirismo e a amizade que nos uniu, une e unirá para SEMPRE!

É fundamental agradecer a Deus pelo apoio que tivemos de todos nossos professores, coordenação, direção e funcionários da ASMEC e, em especial, nossos familiares, sem os quais nada seria possível nessa caminhada.

O termo pedagogia, do grego antigo paidagógos, era inicialmente composto por paidos (“criança”) e gogía (“conduzir” ou “acompanhar”).

Atualmente, a pedagogia é considerada como sendo o conjunto de saberes que compete à educação enquanto fenômeno tipicamente social e especificamente humano. Trata-se de uma ciência aplicada de caráter psicossocial, cujo objeto de estudo é a educação. A pedagogia recebe influências de diversas ciências, como a psicologia, a sociologia, a antropologia, a filosofia, a história e a medicina, entre outras.

Convém destacar que há autores para os quais a pedagogia não é somente uma ciência, mas antes um saber ou uma arte.

Portanto somos agora artistas e devemos pintar um mundo mais belo, justo, sem desigualdades, com justiça e, sobretudo com EDUCAÇÃO! – SOMOS EDUCADORES -, que, sem dúvida alguma, é a solução e o caminho ÚNICO para um mundo melhor!”



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABÍLIO. Adriana Galvão Moura. Travestilidade e transexualidade: **o reconhecimento jurídico das identidades sociais**. Revista Hispeci & Lema On-Line, Bebedouro SP, 7(1): 126-142, 2016. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/hispecielemaonline/sumario/45/25012017122055.pdf>> acesso em: 3 de agosto de 2017.

AURÉLIO, **O mini dicionário da língua portuguesa**. 4ª edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio, 7ª impressão- Rio de Janeiro, 2002.

AQUINO, Julio Groppa (Org). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

ARRUDA, Silvani; CORREIA, Vânia. **Guia de Educação Integral em Sexualidade entre jovens**. Disponível em:<<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002170/217096POR.pdf>> acesso em: 27 de julho de 2017. Autêntica. 2003

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo; Brasiliense, 2008.

\_\_\_\_\_, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs.). **Homofobia & educação: um desafio ao silêncio**. Brasília, DF: Letras Livres/ Ed. UNB, 2009.

Bráulio Bessa. Disponível em: <<https://caetescity.blogspot.com.br/2017/02/braulio-bessa-faz-poema-sobre.html>>. Acesso em: 11 de junho de 2017.

BRIZTMAN, Débora. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. 2003

BRASIL. Ministério da Educação e da Saúde. **Sexualidade e Saúde Reprodutiva**. Saúde e Prevenção nas Escolas - Brasília 1999, v.1. 64 p.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais: orientação sexual**. 1ª ed. Rio de Janeiro 1997.

Caldas Auletes **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**/Caldas Auletes; [organizador Paulo Geiger]. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

CHIDIAC, Maria T. Vargas; OLTRAMARI, Leandro. C. **Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2004000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300009)>. Acesso em: 3 abril. 2017.

FERRARI, Anderson. **Diversidade sexual na escola: práticas cotidianas e ações pedagógicas.** In: Educação para a Sexualidade, para a Equidade de Gênero e para a Diversidade Sexual. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HATUGAI, Érica Rosa. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil.** Revista de antropologia social dos AlunosPPGAS-UFSCar, v.1, n.1, p.217-222, 2009. Disponível em: <<http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/05/r@uprimeiraedicao-resenha-2.pdf>> Acesso em: 28 de maio de 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes. Orientações sobre identidade de gênero: **conceitos e termos.** Brasília, 2012.42p. : il. (algumas color.). Ebook, disponível em:<<https://www.sertao.ufg.br/>> Acesso em: 28 de março de 2018.

LOURO, G. L. **Mulheres na sala de aula.** In: PRIORE. M. D.; PINSK. B. C. (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012. p. 441-481.

MCLAREN, Peter. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MENEZES, Waléria. **O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola,** 2005. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/147.html>> . Acesso em: 3 maio. 2017.

O.M.S. (2001). Relatório Mundial da Saúde - Saúde Mental: **Nova concepção, nova esperança.** Lisboa: Direção-Geral da Saúde.

PONTES, Ângela Felgueiras. **Sexualidade: vamos conversar sobre isso?** Promoção do Desenvolvimento Psicossocial na Adolescência: Implementação e Avaliação de um Programa de Intervenção em Meio Escolar. Disponível em: <<https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/24432/2/Sexualidade%20vamos%20conversar%20sobre%20isso.pdf>> acesso em: 03 de agosto de 2017.

Puppo, Kátia. **Questão de gênero na escola.** s/d. Disponível em:<[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/20\\_pupo.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/20_pupo.pdf)>. acesso em: 15 de maio de 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: **Uma categoria útil para análise histórica.** Disponível em:<[http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html)>. Acesso em: 15 de setembro de 2017.

SAYÃO. Deborah Thomé. Relações de gênero na creche: os homens no cuidado e educação das crianças. In: 25ª. Reunião Anual da Anped, 2002, Caxambu. Anais. Minas Gerais: Anped, 2002.

TEIXEIRA, Adla. **“Magistério” do gênero:** impactos da vida de discentes e docentes. In MACHADO, CJS., SANTIAGO, IMFL., and NUNES, MLS., (et al) orgs. Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB, 2010. 256 p.

Weeks, J. **Sexualidade.** São Paulo: Brasiliense. 2003.